

FOME DE DEMOCRACIA E SOBERANIA POPULAR

A gente não quer só comida, a gente quer comida saudável produzida sem explorar os trabalhadores. A gente não tem fome só de alimentos pois queremos diversão, arte, democracia e soberania. Soberania para que os atualmente subalternizados possam decidir suas trajetórias e serem reconhecidos plenamente como os sujeitos que constroem este país, que fazem a humanidade viver.

Nós não queremos somente produzir sem veneno, queremos produzir sem veneno e com reforma agrária, sem mais latifúndios e com a supressão de qualquer forma de machismo, lgbtfobia e qualquer discriminação que espolia ainda mais segmentos da população trabalhadora.

A gente não quer só soberania, esta é falada aos quatro ventos por pessoas com diferentes interesses, intelectuais de diversas classes sociais. A gente quer soberania popular que sirva para afirmar que o povo trabalhador deste país tem o direito de decidir coletivamente os rumos da nação. Um país onde as transnacionais não sejam mais donas das águas, dos minérios, das terras e, muitas vezes, de nossa educação. Esta dominação que acontece em simbiose com os interesses de um setor dominante nacional historicamente alinhado às corporações multinacionais (viva Florestan Fernandes!).

Queremos democracia verdadeira. Democracia popular! Não somente eleger representantes e gestores periodicamente e sim chacoalhar o Brasil de conselhos populares, de instâncias representativas comunais que decidam toda a gestão do fundo público, evitando a costumeira sonegação de direitos básicos dos trabalhadores.

A gente não quer só terra. A gente quer terra e educação do campo. A gente quer 10% do PIB exclusivamente para a educação pública estatal e gratuita. A gente quer o fim do cemitério das escolas camponesas que a cada dia cresce em Pernambuco e por todo o país. A gente quer o fundo público por inteiro e não pela metade.

Queremos ovo de codorna para comer. Também queremos maxixe, feijão, melancia, arroz e cuscuz. Tudo produzido pelas mãos de um camponês

soberano, de um indígena que fez a retomada de suas terras, de uma quilombola fortificada em seu território de existência, de uma pescadora que teve de volta seu mar outrora roubado por um resort grotesco, de um cigano que teve sua cultura respeitada, de um assentado que transformou o campo da morte em espaço de vida. Vida em abundância.

Esse problema nós teremos que resolver. Com as organizações camponesas, dos povos indígenas e tradicionais, também com as populações subalternizadas nas periferias das cidades brasileiras. O Brasil e o Planeta Terra já passaram da idade de esperar pois já se notam as alterações climáticas e as pandemias diversas que atingem de forma bem mais significativa os tradicionalmente explorados. As guerras globais, o massacre do povo palestino e os assassinatos e prisões dos que ousam contradizer o império do capital devem ser duramente repudiados.

Nós, reunidos de 12 a 14 de maio de 2026 no Centro de Formação Paulo Freire e no Campus IFPE de Caruaru durante o IX Seminário de Agroecologia e VIII Seminário de Educação do Campo do IFPE afirmamos: somente a educação do campo e a agroecologia podem impedir o final cada vez mais acelerado da humanidade e a barbárie em que nos encontramos.